

Dias Gomes e o Texto

Nos tempos contemporâneos, em que se estuda com atenção a intertextualidade, no que Bakhtin foi também um dos pioneiros, Dias Gomes utiliza de forma extremamente eficiente este conceito. Dias Gomes tinha uma insuperável capacidade de transplantar um texto de um veículo para o outro, sem perda de qualidade e às vezes com ganhos consideráveis. Não somente textos como personagens foram do teatro para a televisão e vice-versa. Como já dito, Zeca Diabo foi o personagem principal de uma peça que apenas cumpriu seu papel sem destaque em 1943, vindo a se immortalizar na televisão como o cangaceiro quase regenerado, que seria o antagonista do Prefeito Odorico Paraguaçu, na novela *O Bem-Amado*. A própria telenovela *O Bem-Amado* nasceu como uma peça teatral, vindo depois a ser adaptada e ampliada para a televisão, tendo alcançado estrondoso sucesso de público e crítica. *O berço do herói*, peça escrita pra o teatro, foi a origem de *Roque Santeiro*, telenovela que atingiria índices de audiência jamais alcançados. A própria Censura foi mais obtusa do que nunca, pois baseou a proibição da telenovela na peça teatral, em que autor critica ferozmente o militarismo e a guerra, assim como o relativismo do herói. Na realidade, na telenovela a crítica ao militarismo e à guerra está ausente, discutindo-se o conceito de herói, do mito, a necessidade do heroísmo, a verdade e a mentira sociais. Mesmo assim, foi proibida pela Censura que entendeu que a visão anti-militarista havia permanecido, registrando de maneira histórica seu alto grau de obscurantismo. Escrevendo de outra forma, poderíamos dizer que a novela foi proibida porque censura, por definição, não se explica e muito menos se justifica.

Uma outra característica que faz de Dias Gomes um escritor é o ciúme concreto que tem de seus textos. Concessões ele parece fazer à vida moderna, em que para se sobreviver há de se fazer concessões o tempo todo e ele as fazia, seja ao empregador, seja ao Partido Comunista, seja à sociedade burguesa que combatia suavemente. Não é a toa que Dias Gomes tanto admira seu próprio personagem, Zé do Burro, em *O Pagador de Promessas*, que prefere perder a vida

a fazer concessões à sua fé, aos seus valores morais de homem arcaico que fez uma promessa que foi atendida, não vendo alternativa senão pagar à santa o milagre. Entretanto, Dias Gomes não transige no tocante ao seu texto, defendendo-o com unhas e dentes. Assim, quando o galã de chanchadas da Atlântida, Anselmo Duarte, se propõe a filmar *O Pagador de Promessas*, Dias Gomes reluta e exige constar em contrato detalhado que o filme seria exatamente conforme seu último tratamento do roteiro, não podendo o diretor dele se afastar minimamente. Apesar de ganhar o prêmio do Festival de Cannes, alguns críticos consideram o filme engessado demais ao texto da peça, o que Dias Gomes admite candidamente.

A telenovela *Roque Santeiro*, depois dos primeiros cinquenta capítulos escritos por Dias Gomes, passou a ser escrita por Agnaldo Silva, talentoso autor da Globo, que baseado no roteiro e nos personagens criados por Dias Gomes manteve o pique da novela pelo menos quanto aos índices de audiência, tornando-se, portanto, um texto de quase co-autoria. Tudo corria bem até que a imprensa noticiou que a veia folhetinesca do co-autor Agnaldo Silva ia se sobrepujar à veia literária do primeiro autor, Dias Gomes, terminando o pseudo-herói Roque Santeiro com a viúva Porcina, versão que seria confirmada, posteriormente, pelo próprio Agnaldo Silva em entrevistas a jornais. Dias Gomes, ciumento como sempre de suas criações literárias, não titubeou, exigindo da Rede Globo, com todo o peso do seu prestígio, que lhe fosse devolvido a autoria da novela, e a encerrando como ele entendia ser coerente desde o princípio, com a fuga de Roque, preocupado com o suposto assassinato por ele cometido, e sem Porcina, que ficaria com Malta, já que não havia porque premiar o falso mito, o falso herói, e sendo o fecho necessário e indispensável ao desfile de carnaval arquitetado por Dias Gomes desde o princípio. Na entrevista que realizamos com Marcílio Moraes, co-roteirista da telenovela, e colaborador assíduo de Dias Gomes, ficou claro que o término da trama da maneira ocorrida era pedra de toque da obra, não sendo possível nenhuma outra, o que descaracterizaria a discussão toda. A acusação de que Dias Gomes havia ficado com ciúmes do sucesso de Agnaldo Silva, tendo por isso retomado a novela, valendo-se de sua condição de astro da Globo, foi olímpicamente ignorada por Dias Gomes, parecendo nada se importar com qualquer outra coisa que não fosse seu texto, como se para evitar uma mutilação em sua história estivesse disposto a qualquer medida desagradável.

Provavelmente, Agnaldo Silva foi mais um inimigo, somando-se a muitos outros que Dias Gomes fez durante a vida. Curiosamente, a maior parte deles, senão todos, foi feita em decorrência de textos e sua apresentação, confirmando nossa tese de que Dias Gomes só levava a sério sua arte, sua escritura. Um inimigo foi feito também quando recusou dar o papel do bicheiro Tucão ao maior galã da televisão brasileira do seu tempo e astro maior da Globo, Sérgio Cardoso, na novela *Bandeira 2*, substituindo-o, para espanto geral, por Paulo Gracindo, um ator extraordinário que ganhava a vida como apresentador de programas de auditórios, só vindo a ser reconhecido tardiamente no papel do contraventor criado por Dias Gomes e atingindo o estrelato no papel do folclórico e corrupto Prefeito Odorico Paraguaçu, aquele da fala pseudamente sofisticada e cheia de erros crassos. Inimizade Dias Gomes fez involuntariamente com a maior atriz do teatro brasileira de todos os tempos, Fernanda Montenegro, a cujo grupo se comprometera a ceder *O Pagador de Promessas*, mas as circunstâncias o levaram a dar a peça para ser encenada por outro grupo, provocando da grande atriz o epíteto duro de traidor, reproduzido por ele em sua autobiografia. Seja por represália ou por qualquer outro motivo, Fernanda Montenegro jamais representaria uma peça de Dias Gomes em toda sua longa carreira.

Comunista notório, declarado e fichado no Partido Comunista e nas polícias políticas da ditadura de plantão, Dias Gomes comungava da utopia de um mundo melhor, em que houvesse igualdade e fraternidade entre os homens como muitos de sua geração, mas jamais se embebedou nas diretrizes supostamente revolucionárias do seu partido, vendo mesmo com desconfiança o tal centralismo democrático, onde a dúvida e o questionamento deveriam ser substituídos por uma rígida disciplina, uma indiscutível submissão que ele jamais teria. Por isto é que em vários textos seus, como *Vamos soltar os demônios*, depois rebatizado como *Amor em campo minado*, há uma cruel crítica aos companheiros, apresentados com seus defeitos, seus dogmas, suas fraquezas, seus preconceitos, inclusive contra os valores populares. Isto está sendo escrito neste momento para colocarmos que entre seu texto e seu partido político, Dias Gomes não titubearia em ficar com o primeiro, tanto que deixa isso muito claro na autobiografia ao afirmar que jamais nenhum texto seu foi vetado ou aprovado pelo partido e tampouco a ele submetido, inclusive *O Pagador de Promessas*, ao contrário de que informava uma versão marota que o partido comunista só aprovava alguns

textos literários de seus membros e de outros não. Em nosso entendimento, a não submissão dos textos de Dias Gomes ao partido tanto pode ser uma regra geral como uma exceção, pois o partido deve ter compreendido que Dias Gomes jamais aceitaria a censura ou mesmo o aplauso à sua literatura, simplesmente por considerar a escrita acima da política e da ideologia. A essas ilações se chega lendo sua autobiografia, *Apenas um subversivo*, mas também analisando sua postura prática durante a vida. A doutrina do partido foi importante na sua vida, mas não a ponto de cegá-lo, como fez a tantos, Sartre dentre eles. Em nosso entendimento, a verdadeira causa, a que Dias Gomes dedicou a vida, foi ao texto e não ao partido político.